

A história do Brasil é atravessada por um processo contínuo de institucionalização da violência, marcado pela expropriação dos territórios dos povos originários e pela exploração de suas culturas, corpos e valores ancestrais. Antes da colonização, este território era conhecido como Pindorama, do tupi pindó-rama, "terra das palmeiras", nome que expressa uma relação intrínseca entre povo e natureza. Com a invasão portuguesa, esse território passou a ser chamado Brasil, em referência à exploração intensiva do pau-brasil, inaugurando um ciclo de saque, devastação e dominação.

A violência instaurada não se limitou à ocupação territorial: ela se estendeu aos corpos, especialmente das meninas e mulheres indígenas, submetidas a práticas sistemáticas de violência sexual, posteriormente reiteradas sobre mulheres negras sequestradas de seus territórios no contexto da colonização. Assim, a formação do país está enraizada em um processo de violência estrutural, que articulou exploração, marginalização e desmobilização dos povos ancestrais.

Ao longo de mais de cinco séculos, o Brasil tem buscado caminhos para sua reconstrução, sobretudo por meio de políticas públicas e iniciativas coletivas comprometidas com a reparação histórica, a valorização da memória e a retomada dos territórios e culturas dos povos originários e da população negra. Nesse contexto, a Casa da Mulher Indígena (CAMI) emerge como um instrumento vivo de transformação social, concebido como espaço de reparação, acolhimento, proteção e enfrentamento das violências.

A CAMI propõe-se como um território de refúgio e fortalecimento, onde meninas e mulheres indígenas possam reconstruir suas trajetórias com autonomia, dignidade e protagonismo. Mais do que um equipamento, configura-se como espaço de conexão, escuta e diálogo, capaz de estabelecer pontes para um futuro orientado pela liberdade, pela valorização das identidades e pela continuidade das histórias contadas por suas próprias vozes.



A FORMA

A concepção formal da CAMI parte da referência ao círculo, elemento recorrente em diversas cosmologias indígenas. O círculo expressa proteção, coletividade, solidariedade e conexão com a natureza. Sem início, meio ou fim, representa um sistema onde todos têm voz e pertencimento, refletindo também os ciclos naturais, como os movimentos do sol e da lua. Sua organização espacial, voltada para o interior, reforça a ideia de cuidado e centralidade das relações, sendo no centro que acontecem os encontros, rituais e trocas.

No entanto, sob a perspectiva arquitetônica e funcional, o círculo isolado apresenta limitações em termos de flexibilidade espacial. Diante disso, buscou-se uma geometria capaz de traduzir essa cosmologia de forma adaptável: o hexágono. Essa forma foi nomeada, de maneira respeitosa, como Eiretama, termo de origem tupi associado à ideia de colmeia.

A colmeia simboliza a coletividade, a organização e a interdependência, valores profundamente conectados às práticas e modos de vida das mulheres indígenas. Assim como as abelhas, essas mulheres desempenham papéis fundamentais na manutenção da vida, na transmissão de saberes e na articulação das dinâmicas comunitárias.

As abelhas, por sua vez, são agentes essenciais para o equilíbrio dos ecossistemas. Compreendem os ciclos da natureza, realizam a polinização e transformam o néctar em alimento, protegendo seu território até que o ciclo se complete. Essa lógica de cuidado, transformação e continuidade encontra paralelo na atuação das mulheres indígenas, que sustentam a vida coletiva, defendem seus territórios e preservam seus conhecimentos ancestrais.

A analogia entre colmeia e território, e entre abelhas e mulheres indígenas, reforça a compreensão de que corpo, território e ancestralidade são dimensões indissociáveis. Assim como as abelhas habitam, constroem e protegem sua colmeia, as mulheres indígenas são guardiãs de seus territórios, entendidos não apenas como espaço físico, mas como extensão de seus corpos, memórias e espiritualidades.

Nesse sentido, a CAMI se materializa como um território vivo, onde arquitetura e ancestralidade se encontram, promovendo não apenas abrigo, mas também pertencimento, continuidade e resistência.



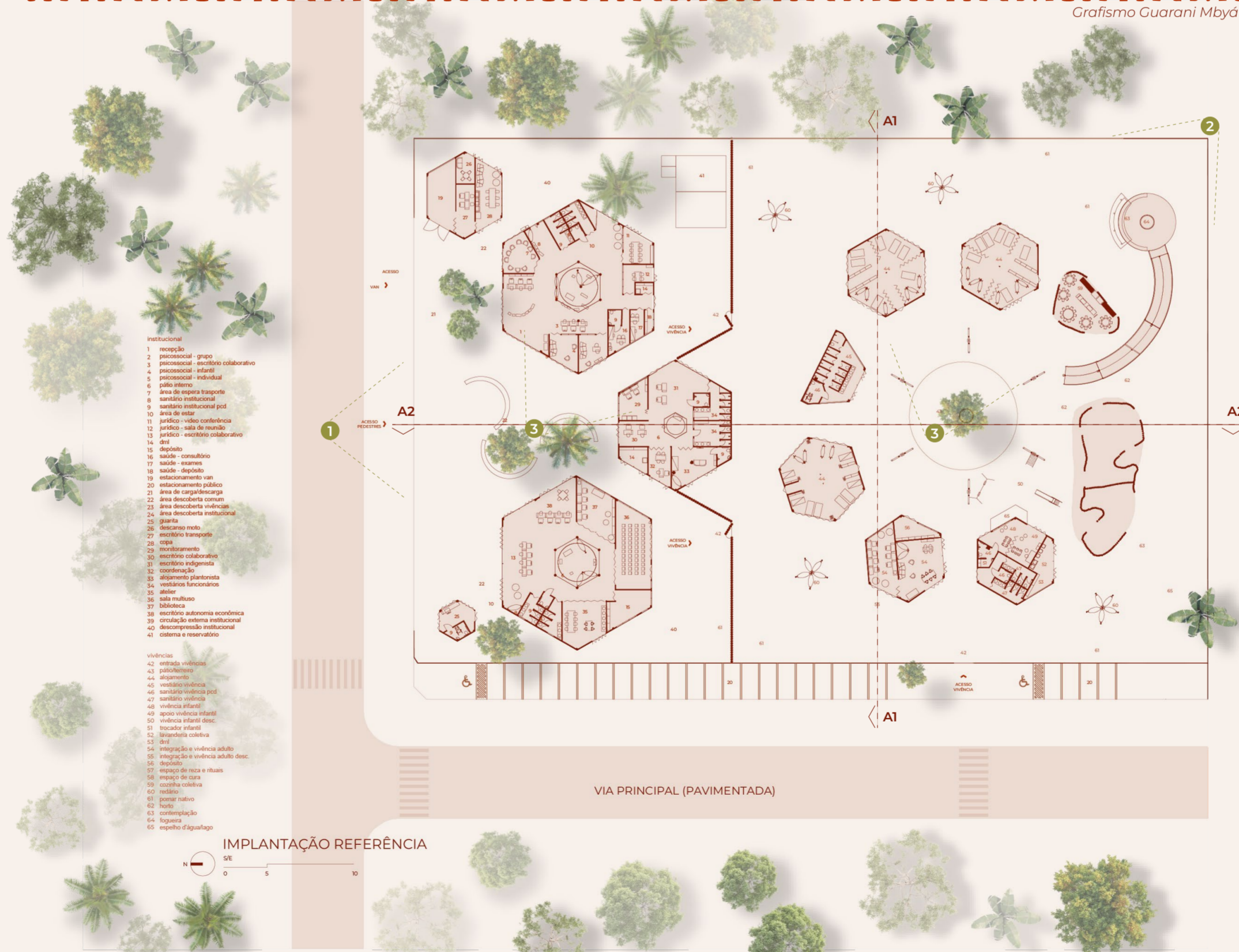
A proposta toma o bioma da Caatinga como referência, orientando estratégias bioclimáticas e de implantação, com foco no conforto térmico, ventilação e adaptação ao clima semiárido, consolidando o conjunto como um sistema integrado, resiliente e conectado à ancestralidade. O pátio central é o coração da CAMI, espaço de encontro, escuta e fortalecimento coletivo, inspirado na organização circular das aldeias indígenas. A implantação adota uma lógica radial, com os núcleos distribuídos ao redor desse centro, garantindo clareza de fluxos, integração e senso de pertencimento. Essa estratégia equilibra os espaços de convivência e resguardo, além de reforçar a relação com o território.



1 Entrada CAMI Referência - Caatinga

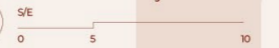
Casa Eiretama da Mulher Indígena

Grafismo Guarani Mbyá



- Institucional**
- 1 recepção
- 2 psico-social - grupo
- 3 psico-social - escuta colaborativa
- 4 psico-social - infantil
- 5 psico-social - individual
- 6 salão interno
- 7 área de espera tripartite
- 8 sanitário institucional
- 9 sanitário institucional - pool
- 10 área de estar
- 11 prédio - vídeo conferência
- 12 prédio - sala de reunião
- 13 prédio - escritório colaborativo
- 14 drit
- 15 depósito
- 16 saúde - consultório
- 17 saúde - exames
- 18 saúde - diagnóstico
- 19 estacionamento van
- 20 estacionamento público
- 21 área de carga/descarga
- 22 área descoberta comum
- 23 área descoberta visitação
- 24 área descoberta institucional
- 25 planície
- 26 descargador moto
- 27 escritório transporte
- 28 vaga
- 29 monitoramento
- 30 escritório colaborativa
- 31 escritório indígenista
- 32 coordenação
- 33 alojamento plantonista
- 34 vestiário funcionários
- 35 atelier
- 36 sala multiuso
- 37 biblioteca
- 38 escritório administração acadêmica
- 39 circulação externa institucional
- 40 desenvolvimento institucional
- 41 sistema e reservatório
- visitas**
- 42 entrada visitação
- 43 pátio externo
- 44 vestiário visitação
- 45 sanitário visitação pool
- 46 sanitário visitação
- 47 sanitário visitação
- 48 visitação infantil
- 49 apoio visitação infantil
- 50 visitação infantil desc.
- 51 tripartite infantil
- 52 biblioteca coletiva
- 53 drit
- 54 integração e visitação adulto
- 55 integração e visitação adulto desc.
- 56 depósito
- 57 espaço de recreio e rituais
- 58 espaço de recreio
- 59 cozinha coletiva
- 60 refeitório
- 61 pomar nativo
- 62 jardim
- 63 contemplação
- 64 lagoa
- 65 espelho d'água/lago

IMPLANTAÇÃO REFERÊNCIA



Os quatro pilares estruturam a CAMI como um território vivo de transformação, onde arquitetura e cuidado se integram para responder às demandas das mulheres indígenas. A proposta articula a restituição de direitos e memórias, a criação de ambientes sensíveis e acolhedores, o suporte ativo às situações de violência e a garantia de segurança física e simbólica. Mais do que diretrizes, esses princípios orientam soluções espaciais que promovem autonomia, pertencimento e continuidade das trajetórias individuais e coletivas.

1. REPARAÇÃO

A proposta se estabelece como território de retomada, incorporando saberes construtivos tradicionais e materialidades locais como forma de reconectar cultura, memória e espaço. A valorização da construção vernacular, aliada a estratégias sustentáveis, fortalece a identidade e possibilita a adaptação do projeto aos diferentes biomas, promovendo pertencimento e continuidade.

2. ACOLHIMENTO

Ambientes organizados em escala sensível, com ventilação e iluminação naturais, garantem conforto térmico, luminoso e emocional. A integração com a paisagem e o uso de materiais naturais criam espaços que acolhem diferentes formas de permanência, respeitando individualidades e favorecendo bem-estar.

3. PROTEÇÃO

A proteção se expressa na forma, na implantação e nas estratégias espaciais que priorizam segurança sem restringir a liberdade. A configuração inspirada no círculo, reinterpretada no sistema hexagonal, cria uma espacialidade voltada para o interior, reforçando a ideia de resguardo coletivo. Elementos naturais, transições suaves entre público e privado e sistemas de controle de acesso garantem segurança física e simbólica, evitando sensações de enclausuramento e promovendo autonomia, cuidado e vigilância comunitária.

4. ENFRENTAMENTO CONTRA VIOLÊNCIAS

A arquitetura estrutura-se para apoiar processos de escuta, orientação e fortalecimento, por meio de uma setorização clara e fluxos bem definidos. Ambientes destinados ao atendimento garantem privacidade e segurança, sem gerar sensação de isolamento ou opressão. O espaço construído atua como suporte às redes de apoio, possibilitando que narrativas sejam acolhidas e transformadas em caminhos de autonomia.

SISTEMA ESTRUTURAL

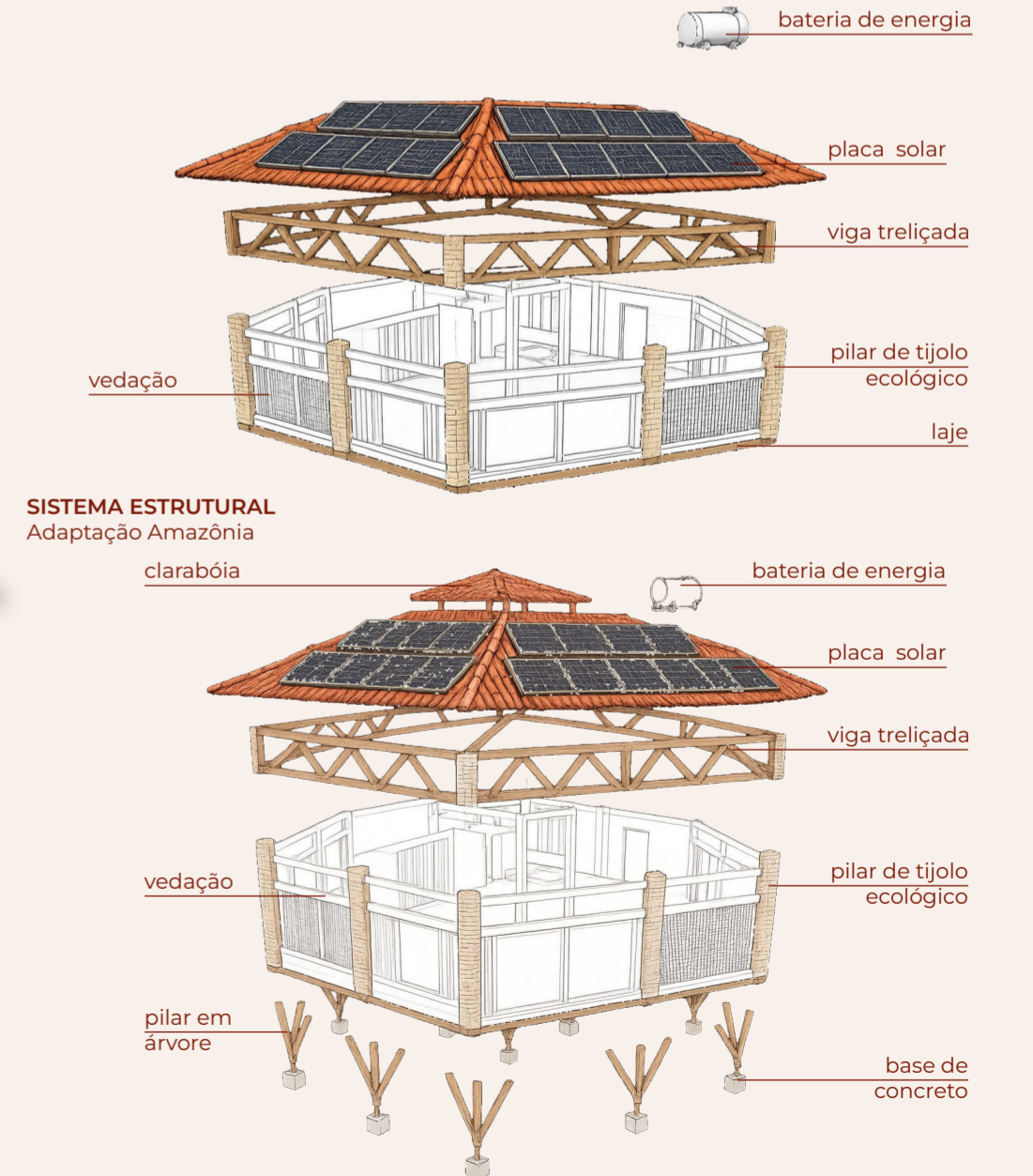
O projeto adota um sistema estrutural híbrido, combinando pilares em tijolo ecológico e estrutura em madeira, articulando eficiência construtiva, sustentabilidade e identidade. A modulação hexagonal organiza o conjunto de forma racional, distribuindo cargas de maneira uniforme. Os pilares em tijolo ecológico estruturam os fechamentos, enquanto a madeira roliça em eucalipto vence maiores vãos e sustenta a cobertura. Uma cinta de concreto armado no topo das paredes amarra o sistema e distribui as cargas da cobertura, composta por estrutura de madeira e telhas cerâmicas, garantindo estabilidade e durabilidade. O uso do tijolo ecológico reduz impactos ambientais e melhora o desempenho térmico, enquanto a madeira contribui para uma construção leve, ventilada e adequada ao contexto.

Especificidade Amazônia

A edificação é elevada por pilotis em madeira, que sustentam a construção e transferem as cargas ao solo de forma pontual, permitindo a preservação do relevo natural sem terraplanagem. Além da função estrutural, os pilotis garantem ventilação, proteção contra umidade e criam um espaço inferior destinado à convivência, contemplação e pequenas áreas de cultivo, integrando arquitetura e paisagem.

Especificidade Caatinga e Cerrado

A edificação se implanta predominantemente próxima ao solo, com laje espessa e elementos construtivos que contribuem para a inércia térmica. O sistema estrutural é apoiado em fundações rasas, garantindo racionalidade construtiva e adaptação às variações climáticas. A proposta incorpora sombreamento e controle das aberturas





FLUXOGRAMA E SEGURANÇA

A setorização da CAMI organiza os espaços de forma estratégica para garantir segurança, autonomia e acolhimento às mulheres indígenas. A partir de acessos controlados, o projeto estabelece uma transição gradual entre áreas públicas e privadas, protegendo as usuárias sem gerar sensação de confinamento.

Os setores institucionais (jurídico, psicossocial e saúde) ficam próximos à entrada para atendimento imediato, enquanto os núcleos de vivência possuem acesso restrito, assegurando privacidade e proteção. Nesses espaços, o acolhimento é priorizado por meio de ambientes coletivos, como pátios e áreas de convivência, que fortalecem o pertencimento e a reconstrução de vínculos.

A organização dos fluxos garante liberdade de circulação com segurança, respeitando o direito de ir e vir. Inspirada na lógica coletiva indígena, a setorização transforma a arquitetura em um instrumento de cuidado, criando um ambiente que protege, acolhe e fortalece as mulheres em seus processos de reconstrução.



CONFORTO AMBIENTAL

O projeto considera fatores como radiação solar, ventilação, regime de chuvas e relevo, garantindo conforto térmico, acústico e luminoso. São adotadas estratégias passivas como ventilação cruzada, sombreamento, uso de materiais com inércia térmica e aproveitamento da luz natural, reduzindo o consumo energético.

A proposta incorpora grandes coberturas com beirais ampliados e a integração entre jardins internos e externos, como resposta às especificidades de cada bioma. Esses elementos configuram pátios cobertos que funcionam como espaços de transição, permanência e convivência, promovendo sombreamento contínuo, conforto ambiental e integração entre interior e exterior.

A arquitetura se adapta aos diferentes biomas:

* Amazônia: ventilação máxima, sombreamento contínuo e elevação da edificação.

* Cerrado: controle da insolação, ventilação cruzada e uso de inércia térmica

* Caatinga: sombreamento intenso, massa térmica e ventilação controlada — resposta ao clima quente e seco, respondendo às altas temperaturas, à insolação intensa e à sazonalidade hídrica.

SUSTENTABILIDADE

A sustentabilidade no projeto é compreendida como uma integração entre meio ambiente, cultura e modos de vida. A escolha de materiais como madeira, tijolo ecológico e coberturas naturais reduz impactos ambientais, diminui desperdícios e favorece sistemas construtivos mais limpos e eficientes. O uso de recursos locais, como a possibilidade da piaçava, reduz a necessidade de transporte e fortalece cadeias produtivas do território.

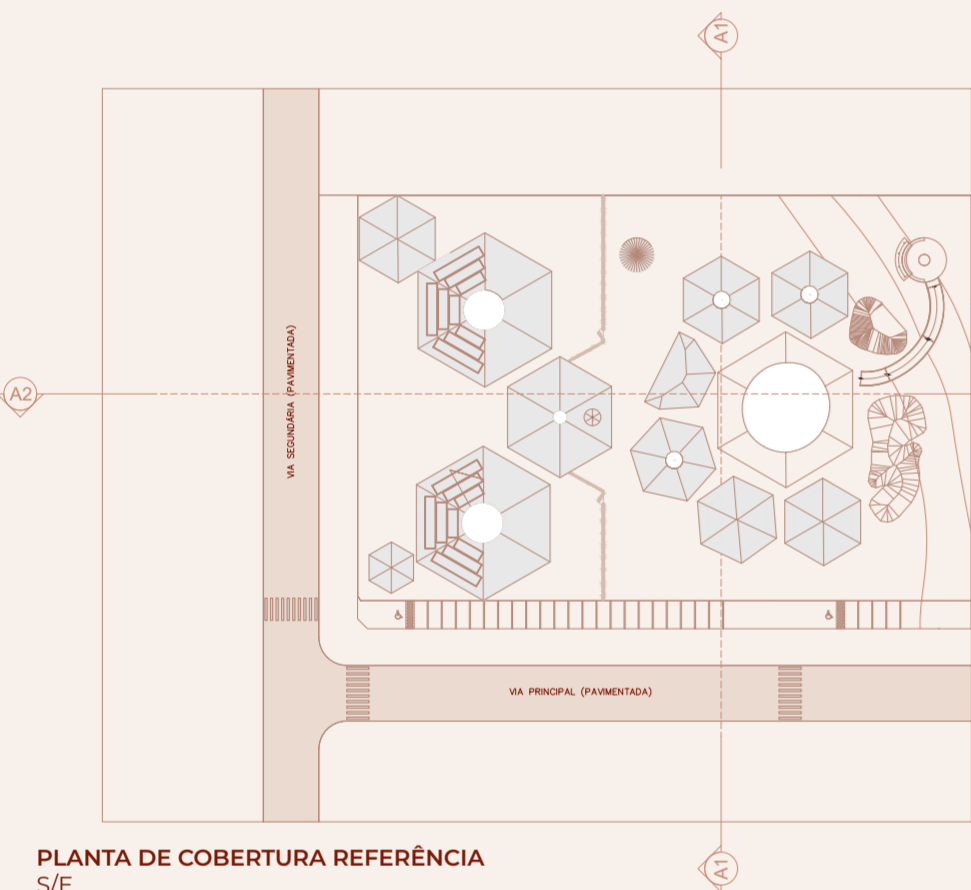
O projeto também incorpora estratégias de autonomia e eficiência hídrica e energética, como a captação e reuso da água da chuva para usos não potáveis e a previsão de implantação de placas solares para geração de energia. Essas soluções reduzem a dependência de infraestruturas externas, diminuem custos operacionais e reforçam a resiliência do conjunto. Além disso, são priorizadas estratégias passivas de conforto ambiental, como ventilação natural e sombreamento, reduzindo o consumo energético ao longo do tempo. A implantação respeita o relevo e a vegetação existente, evitando grandes movimentações de terra e preservando as dinâmicas naturais do lugar. Assim, a arquitetura se alinha a uma visão em que a natureza não é recurso, mas parte integrante da vida e do espaço construído.



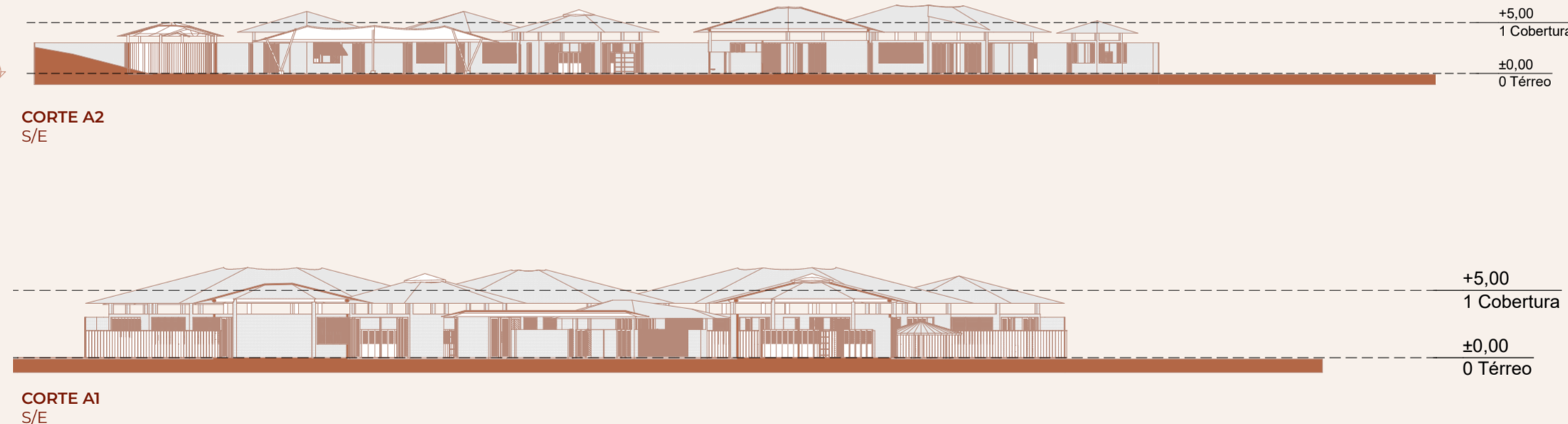
ADAPTABILIDADE

O projeto é concebido como um modelo flexível, capaz de se adaptar a diferentes biomas, territórios e contextos culturais. A modulação hexagonal permite a expansão e reorganização dos espaços de forma simples, viabilizando o crescimento progressivo da edificação conforme as necessidades e recursos disponíveis.

As soluções construtivas consideram variações climáticas e territoriais, possibilitando ajustes como a altura dos pilotis, a escolha dos materiais de cobertura e a orientação das aberturas. Essa flexibilidade também permite incorporar especificidades culturais de diferentes etnias, respeitando seus modos de habitar, construir e se relacionar com o espaço. Dessa forma, a adaptabilidade garante que a CAMI não seja um modelo rígido, mas um sistema vivo, capaz de se transformar e se enraizar em diferentes realidades, mantendo sua essência de acolhimento, pertencimento e conexão com o território.



PLANTA DE COBERTURA REFERÊNCIA S/E



CORTE A2 S/E

CORTE A1 S/E

ESTRATÉGIAS DE PROJETO E VIABILIDADE ECONÔMICA

O projeto adota um sistema estrutural híbrido, combinando pilares em tijolo ecológico e estrutura em madeira, articulando técnica construtiva, sustentabilidade e identidade cultural. Essa escolha contribui para a racionalização construtiva, reduzindo custos e etapas de obra sem comprometer a qualidade espacial e o desempenho técnico.

A edificação é elevada por pilotis em madeira, que minimizam a necessidade de terraplanagem e reduzem intervenções no terreno. Além de sua função estrutural, promovem ventilação, proteção contra umidade e criam um espaço inferior de convivência e cultivo. Essa estratégia pode ser adaptada aos diferentes biomas, aproximando a edificação do solo em regiões mais quentes, como Caatinga e Cerrado, para melhorar o conforto térmico.

A modulação hexagonal organiza o conjunto de forma eficiente, distribuindo cargas e reduzindo desperdícios. Os pilares em tijolo ecológico estruturam os fechamentos, enquanto a madeira roliça vence maiores vãos com leveza. Essa lógica também permite o faseamento da obra, garantindo flexibilidade construtiva.

A cobertura, composta por estrutura de madeira, pode ser executada com telha cerâmica ou substituída pela palha de piaçava, conforme disponibilidade local. A piaçava se destaca por seu baixo impacto ambiental, menor custo em determinados contextos e forte vínculo com saberes construtivos indígenas.

O conforto ambiental é potencializado por estratégias passivas, como ventilação cruzada e efeito chaminé, que favorecem a saída do ar quente e a renovação interna. Isso reduz a necessidade de ventilação mecânica e o consumo energético, garantindo ambientes mais saudáveis e eficientes.

O uso do tijolo ecológico reduz desperdícios e elimina etapas como reboco e pintura, enquanto a estrutura em madeira favorece o uso de mão de obra local e técnicas vernaculares. Assim, o sistema construtivo assegura viabilidade, eficiência e adaptabilidade, consolidando uma arquitetura alinhada ao território, aos saberes ancestrais e às diretrizes da CAMI.

QUADRO SIMPLIFICADO ORÇAMENTÁRIO

SISTEMA	PORCENTAGEM ESTIMADA	VALOR ESTIMADO (EM R\$)	JUSTIFICATIVA TÉCNICA
1. Fundação	8%	459.200	Fundações pontuais em concreto armado, reduzindo escavações e movimentação de terra
2. Estrutura em madeira	22%	1.262.800	Sistema modular com pilares, pilotis e vigas treliçadas em madeira padronizada
3. Cobertura e telhas cerâmicas	15%	861.000	Cobertura em telha cerâmica com geometrias racionalizadas e integração fotovoltaica
4. Vedação e fechamentos	10%	574.000	Fechamentos em tijolo ecológico aparente e painéis leves ventilados
5. Pisos e acabamentos	9%	516.600	Materiais de baixa manutenção, acabamento simplificado e modulação repetitiva
6. Instalações prediais	15%	861.000	Sistemas elétricos, hidráulicos e sanitários compatíveis com soluções sustentáveis
7. Infraestrutura externa e paisagismo	10%	574.000	Passarelas, rampas acessíveis, drenagem superficial e áreas permeáveis
8. Sistema hídrico	4%	229.600	Cisterna de 10.000 L, reservatório de 50.000 L e casa de bombas
9. Sistema fotovoltaico	4%	229.600	Painéis solares instalados nos dois hexágonos principais
10. Reserva Técnica	3%	172.200	Margem para adequações executivas, logística e variações regionais
TOTAL	100%	5.740.000	Estratégias implantas abaixo do limite orçamentário previsto no edital



2 Perspectiva Esquemática



Perspectiva entrada van

BIOMA CAMI REFERÊNCIA: CAATINGA

Na Caatinga, o território não se revela de imediato, ele exige leitura, escuta e tempo. Espécies como coroa-de-frade, agave, xique-xique e mandacaru desenham uma paisagem onde a sobrevivência está na capacidade de armazenar, resistir e florescer no momento certo. Outras como o capim-limão, a aroeira e o jenipapo atravessam o cotidiano, presentes nos cuidados, na alimentação e nos usos medicinais, carregando saberes transmitidos entre gerações.

Para os povos indígenas desse bioma, a vegetação não é escassa, ela é precisa. Cada planta tem seu tempo, sua função e seu significado. Essa relação se constrói na convivência diária com o território, onde observar é essencial para viver. As mulheres indígenas ocupam um papel central nesse processo: são elas que reconhecem os ciclos, que sabem onde encontrar, como utilizar e quando intervir sem romper o equilíbrio.

Nesse contexto, a lógica da natureza se aproxima da lógica das abelhas: agir no tempo certo, proteger o que sustenta a vida e transformar o pouco em continuidade. Na Caatinga, o território ensina que viver não é ter muito, é saber cuidar do que permanece.

A seguir estão algumas das mais de 3.000 espécies nativas da Caatinga, usadas no projeto:



AMAZÔNIA

As fachadas do CAMI são pensadas como elementos vivos da arquitetura, que vão além da função de fechamento para atuar na mediação entre ambiente, cultura e cuidado. A partir de estratégias passivas, como sombreamento, permeabilidade e ventilação cruzada, elas respondem diretamente ao clima, promovendo conforto ambiental e bem-estar às usuárias. Sua concepção se apoia na arquitetura indígena e nas técnicas vernaculares, incorporando saberes ancestrais que entendem o território como um ente vivo. O uso de materiais locais, sistemas construtivos adaptados e soluções simples e eficientes reforça essa relação com o meio, garantindo uma arquitetura sensível, sustentável e integrada ao bioma. Mais do que desempenho técnico, as fachadas contribuem para o reconhecimento do CAMI como território indígena. Elas expressam modos de habitar, proteger e se relacionar com o espaço, criando uma atmosfera de acolhimento, segurança e pertencimento. Assim, tornam-se parte fundamental na construção de um ambiente que respeita identidades, fortalece vínculos culturais e promove o cuidado coletivo.



2 Vista estacionamento e van



1 Entrada CAMI Amazônia

FLUXOGRAMA E SEGURANÇA
A setorização do CAMI organiza os espaços de forma estratégica para garantir segurança, autonomia e acolhimento às mulheres indígenas. A partir de acessos controlados, o projeto estabelece uma transição gradual entre áreas públicas e privadas, protegendo as usuárias sem gerar sensação de confinamento. Os setores institucionais (jurídico, psicossocial e saúde) ficam próximos à entrada para atendimento imediato, enquanto os núcleos de vivência possuem acesso restrito, assegurando privacidade e proteção. Nesses espaços, o acolhimento é priorizado por meio de ambientes coletivos, como pátios e áreas de convivência, que fortalecem o pertencimento e a reconstrução de vínculos. A organização dos fluxos garante liberdade de circulação com segurança, respeitando o direito de ir e vir. Inspirada na lógica coletiva indígena, a setorização transforma a arquitetura em um instrumento de cuidado, criando um ambiente que protege, acolhe e fortalece as mulheres em seus processos de reconstrução.



Fluxograma espacial

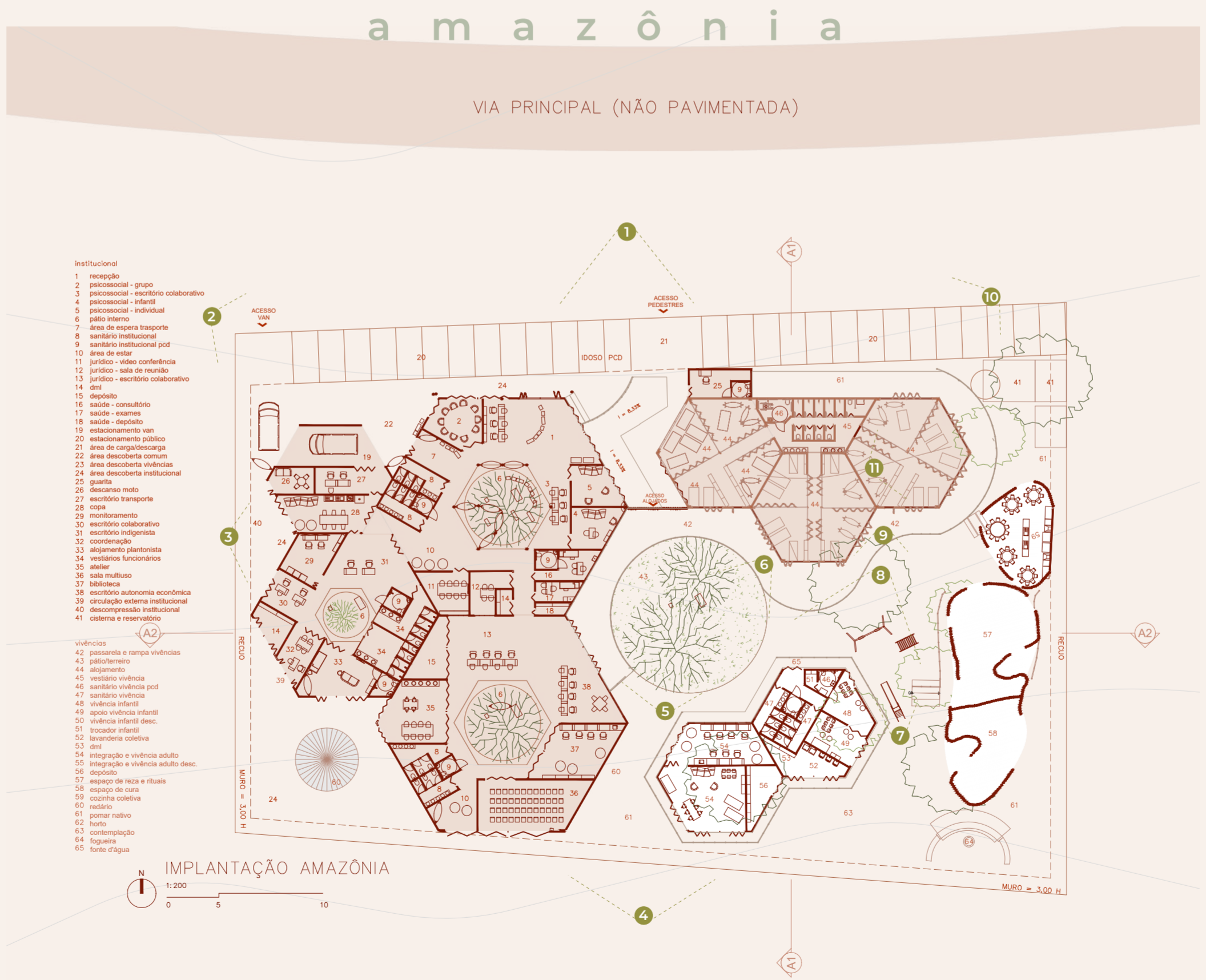


3 Vista da descompressão

A clarabóia funciona como um sistema ancestral de ventilação interna do ar e conforto ambiental, através da circulação superior de ar quente saindo para fora pelas aberturas superiores e a descida de ar frio mais próximo à laje, tornando o ambiente fresco e agradável no clima predominantemente quente e úmido da Amazônia brasileira.



4 Vista da fachada sul



5 Vista do pátio/terreiro

A transição de áreas privadas e institucionais no terreno acontece de forma gradual. Est setorizada na porção oeste do terreno toda instituição, administração, coordenação e gestão do CAMI. No miolo do terreno esta locado o pátio/terreiro, gerando uma área de transição e respiro entre os acessos, embora sua setorização seja estritamente privada, é um ambiente aberto que tem importante papel de "pulmão", formando uma área agradável, de respiro, circulação de ar e diversas atividades às mulheres que estão presentes.



6 Vista do pátio/terreiro

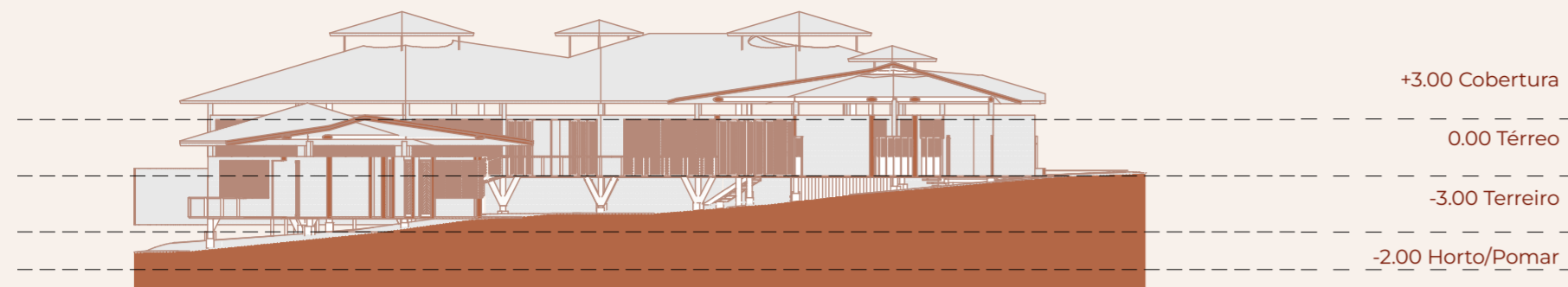


CONCURSO PÚBLICO NACIONAL DE IDEIAS DE ARQUITETURA PARA A CASA DA MULHER INDÍGENA

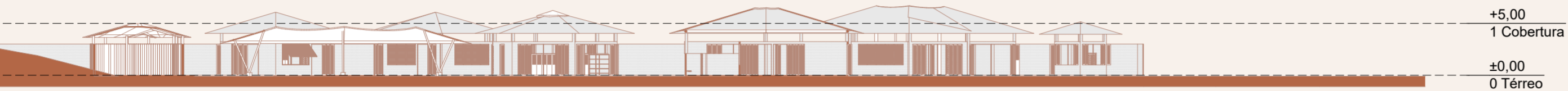


Requerente
MINISTÉRIO DAS MULHERES
GOVERNO DO BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO





CORTE A1
S/E



CORTE A2
S/E



Perspectiva pátio interno



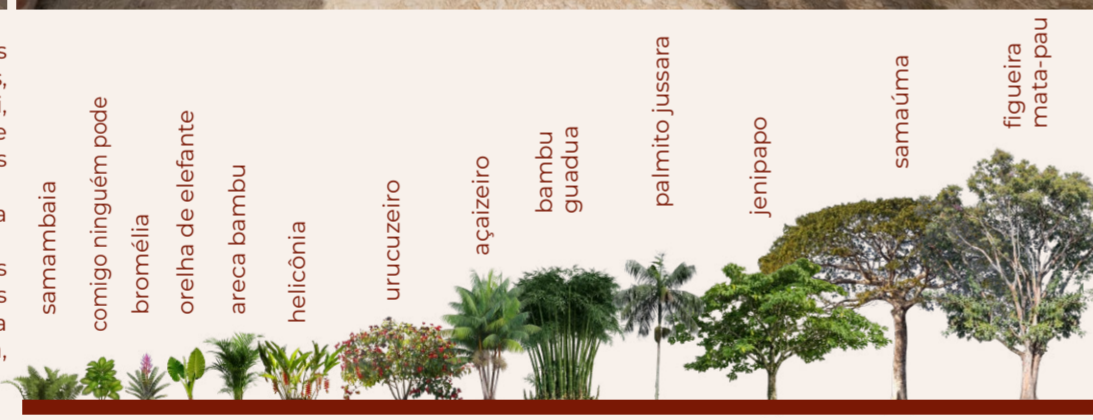
7 Vista externa práticas religiosas



8 Vista externa práticas religiosas

BIOMA AMAZÔNIA

Na Amazônia, a vegetação se constrói por camadas, conexões e interdependências. Plantas como samambaia, bromélia, helicônia e orelha-de-elefante ocupam os níveis mais baixos, criando um ambiente de umidade e proteção, enquanto espécies como açazeiro, buriti, samaúma e jenipapo estruturam a floresta e sustentam a biodiversidade. O urucum, presente na pintura corporal, evidencia como natureza e cultura são inseparáveis para os povos originários, mantendo a linguagem da terra como um ser ancestral e familiar indissociável. A coleta do açaí, o uso medicinal das plantas, o manejo do bambu guadua ou do palmito juçara fazem parte de um sistema de conhecimento contínuo, construído coletivamente. As mulheres indígenas transitam por esse sistema com profundidade: conhecem os caminhos da mata, os tempos de frutificação e os usos de cada espécie. Sua atuação não é isolada, mas integrada a um equilíbrio maior. Como as abelhas que percorrem diferentes camadas da floresta garantindo a polinização, elas conectam territórios, saberes e gerações. Na Amazônia, viver é fazer parte de uma rede onde tudo sustenta e é sustentado. Ao lado são alguns dos exemplos de vegetação nativa da Amazônia.



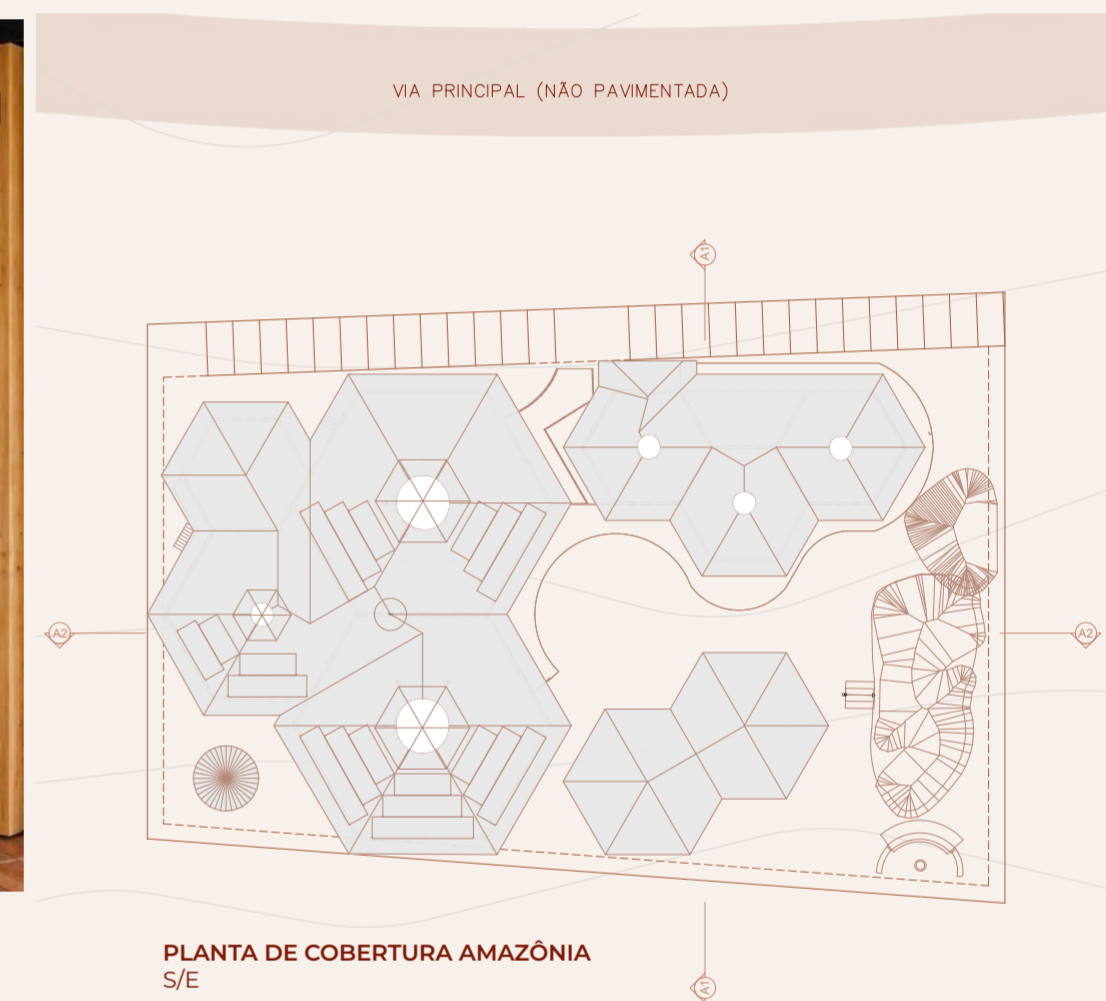
9 Vista superior alojamento



10 Vista frontal estacionamento



Perspectiva alojamento amazônia



PLANTA DE COBERTURA AMAZÔNIA
S/E

MATERIALIDADE E SUSTENTABILIDADE

A materialidade proposta: madeira, bambu, pilares de madeira, telha cerâmica, telha de piaçava e fundação em concreto, busca um equilíbrio entre o que vem da terra e o que garante permanência. Os elementos naturais se aproximam de modos de construir que reconhecem o território como parte viva do espaço, enquanto a base em concreto assegura estabilidade e continuidade ao uso.

Essa escolha também se relaciona com o cuidado com o ambiente e com quem o habita. O uso de ventilação cruzada, grandes vãos e efeito chaminé permite que o ar circule livremente, criando espaços mais confortáveis sem depender de soluções artificiais. Os materiais naturais contribuem para esse equilíbrio, tornando os ambientes mais agradáveis no dia a dia.

Mais do que desempenho técnico, essas decisões constroem um espaço que acolhe. Um ambiente que respira, que se adapta ao clima e que oferece condições para que as mulheres permaneçam, se reconheçam e se sintam seguras em sua vivência cotidiana.

VIABILIDADE E ADAPTABILIDADE

A forma em colmeia Eiretama organiza o projeto a partir de módulos hexagonais que se conectam, formando um conjunto coletivo. Essa configuração permite crescimento gradual, organização clara dos espaços e uma implantação que se ajusta ao território.

A repetição dos módulos contribui para a viabilidade construtiva, facilitando a execução, o controle de custos e a possibilidade de ampliação ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, essa lógica modular permite que o projeto se adapte a diferentes realidades, respeitando o lugar onde é inserido.

Essa estrutura também carrega um sentido de coletividade. Assim como na colmeia, os espaços se organizam de forma interligada, criando proximidade, apoio e troca. A adaptabilidade, nesse contexto, não é apenas técnica, mas também social, permitindo que o espaço acompanhe as necessidades das mulheres, acolha diferentes vivências e se transforme junto com elas.



Perspectiva pátio interno



CONCURSO PÚBLICO NACIONAL DE IDEIAS DE ARQUITETURA PARA A CASA DA MULHER INDÍGENA

Organização



Promoção



Requerente





1 Entrada CAMI Cerrado

FLUXOGRAMA E SEGURANÇA

A setorização da CAMI organiza os espaços de forma estratégica para garantir segurança, autonomia e acolhimento às mulheres indígenas. A partir de acessos controlados, o projeto estabelece uma transição gradual entre áreas públicas e privadas, protegendo as usuárias sem gerar sensação de confinamento. Os setores institucionais (jurídico, psicossocial e saúde) ficam próximos à entrada para atendimento imediato, enquanto os núcleos de vivência possuem acesso restrito, assegurando privacidade e proteção. Nesses espaços, o acolhimento é priorizado por meio de ambientes coletivos, como pátios e áreas de convivência, que fortalecem o pertencimento e a reconstrução de vínculos. A organização dos fluxos garante liberdade de circulação com segurança, respeitando o direito de ir e vir. Inspirada na lógica coletiva indígena, a setorização transforma a arquitetura em um instrumento de cuidado, criando um ambiente que protege, acolhe e fortalece as mulheres em seus processos de reconstrução.

FACHADAS

As fachadas da CAMI atuam como elementos de mediação entre ambiente e uso, incorporando sombreamento, permeabilidade e ventilação cruzada para garantir conforto ambiental. Sua concepção dialoga com a arquitetura indígena e técnicas vernaculares, incorporando saberes que reconhecem o território como parte viva do espaço. No CAMI referência, a fachada se abre para a praça, adotando um caráter mais permeável e convidativo. Na adaptação para a Amazônia, assume maior fechamento e proteção, com presença de planos mais contínuos. Já no Cerrado, combina elementos vazados, como cobogós, com arborização, equilibrando sombreamento, ventilação e integração com o entorno. Mais que fechamento, as fachadas expressam acolhimento, identidade e pertencimento.

Mais que fechamento, as fachadas expressam acolhimento, identidade e pertencimento.



Fluxograma espacial



2 Vista esquina

c e r r a d o



IMPLANTAÇÃO CERRADO



3 Vista da entrada privada vivência



4 Vista do estacionamento

A transição de áreas privadas e institucionais no terreno acontece de forma gradual. Est setorizada na porção oeste do terreno toda instituição, administração, coordenação e gestão do CAMI. No miolo do terreno esta locado o pátio/terreiro, gerando uma área de transição e respiro entre os acessos, embora sua setorização seja estritamente privada, é um ambiente aberto que tem importante papel de "pulmão", formando uma área agradável, de respiro, circulação de ar e diversas atividades às mulheres que estão presentes.

A claraboia atua como elemento de ventilação e iluminação natural, favorecendo a exaustão do ar quente e contribuindo para o conforto térmico. No Cerrado, esse sistema é associado a aberturas controladas, equilibrando ventilação e proteção contra a insolação intensa.

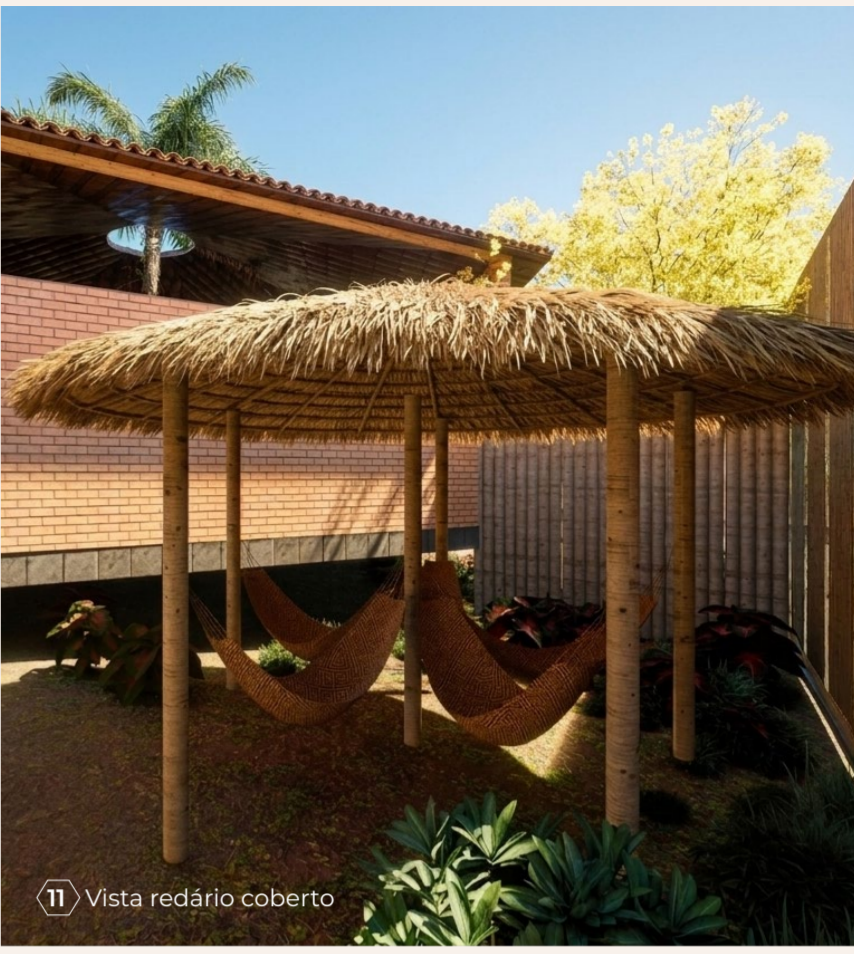
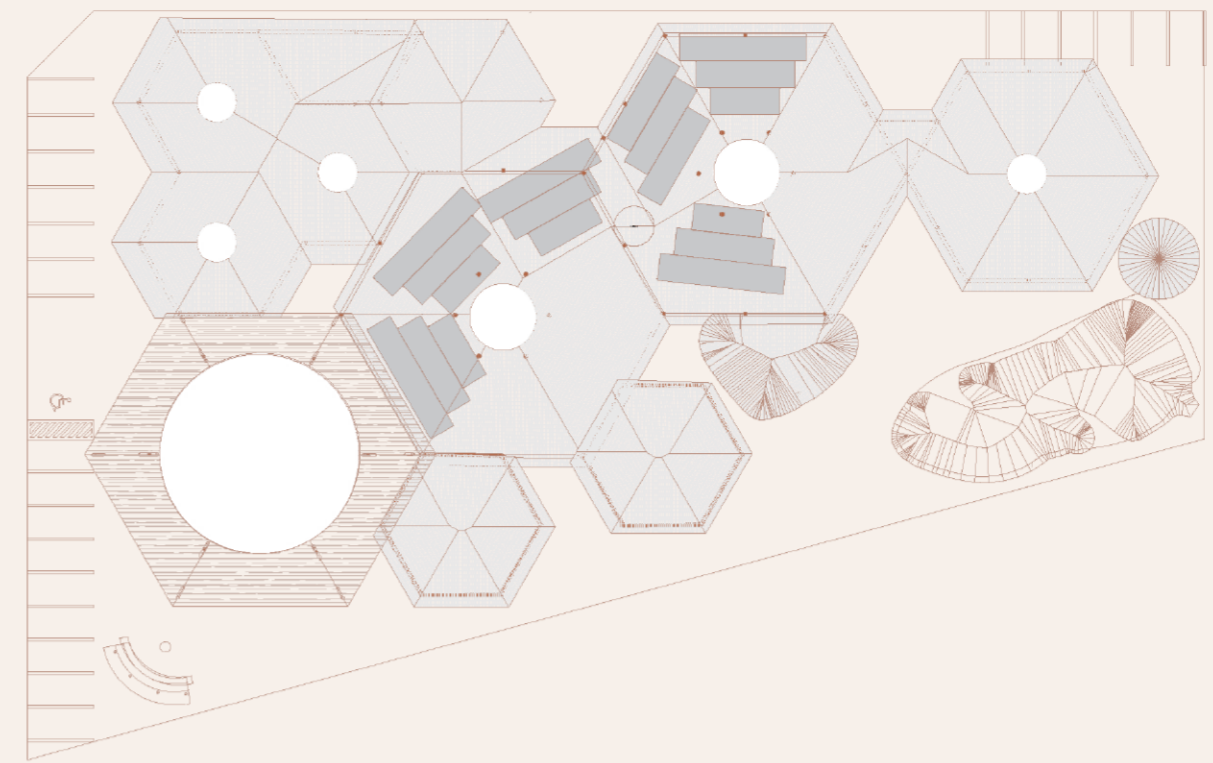
Nas áreas institucionais, a claraboia se amplia como jardim interno, promovendo iluminação difusa, ventilação e um ambiente mais fresco, conectado à natureza.



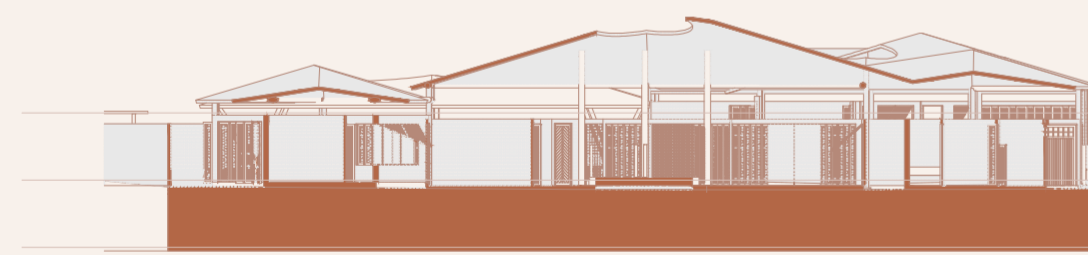
5 Vista do pátio/terreiro



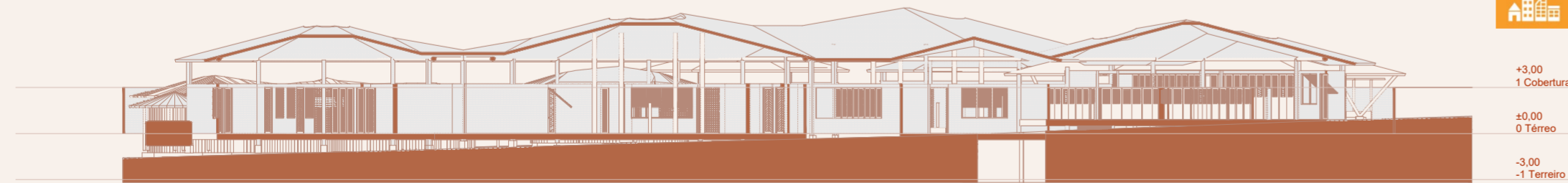
6 Vista entrada privada vivências



BIOMA CERRADO
 À primeira vista, o Cerrado pode parecer um bioma aberto e simples, mas sua força está no que não se vê. Espécies como grama-do-cerrado, capim barba-de-bode e bromélia ocupam o solo com diversidade, enquanto árvores como lobeira, ipê roxo, ipê amarelo, jervá e buriti marcam a paisagem e os ciclos do tempo. Suas raízes profundas revelam uma relação íntima com a terra, acessando água e nutrientes invisíveis na superfície.
 Para os povos indígenas, esse bioma é um território de leitura sensível: o florescimento dos ipês anuncia mudanças, o buriti indica presença de água, e cada espécie contribui para a construção de um conhecimento ambiental preciso. A vegetação orienta o modo de viver. As mulheres indígenas são fundamentais nesse entendimento do território. São elas que interpretam esses sinais, que utilizam frutos, folhas e sementes, e que mantêm a continuidade desses saberes. Existe uma inteligência no gesto cotidiano, que se aproxima da lógica das abelhas: circular, observar, transformar e devolver ao território aquilo que garante sua permanência. No Cerrado, a vida acontece naquilo que se sustenta silenciosamente, no que parece invisível, mas que mantém tudo em equilíbrio.



CORTE BB
 S/E
 0 5 10



CORTE AA
 S/E
 0 5 10

- 3 SAÚDE BEM-ESTAR
- 5 GÊNERO IGUALDADE
- 6 ENERGIA LIMPA
- 7 TRANSIÇÃO ENERGÉTICA
- 11 Cidades e Comunidades Sustentáveis

MATERIALIDADE E SUSTENTABILIDADE
 A materialidade proposta: madeira, bambu, pilares de madeira, telha cerâmica, telha de piaçava e fundação em concreto, busca um equilíbrio entre o que vem da terra e o que garante permanência. Os elementos naturais se aproximam de modos de construir que reconhecem o território como parte viva do espaço, enquanto a base em concreto assegura estabilidade e continuidade ao uso.

Essa escolha também se relaciona com o cuidado com o ambiente e com quem o habita. O uso de ventilação cruzada, grandes vãos e efeito chaminé permite que o ar circule livremente, criando espaços mais confortáveis sem depender de soluções artificiais. Os materiais naturais contribuem para esse equilíbrio, tornando os ambientes mais agradáveis no dia a dia.

Mais do que desempenho técnico, essas decisões constroem um espaço que acolhe. Um ambiente que respira, que se adapta ao clima e que oferece condições para que as mulheres permaneçam, se reconheçam e se sintam seguras em sua vivência cotidiana.

VIABILIDADE E ADAPTABILIDADE
 A forma em colmeia Eiretama organiza o projeto a partir de módulos hexagonais que se conectam, formando um conjunto coletivo. Essa configuração permite crescimento gradual, organização clara dos espaços e uma implantação que se ajusta ao território.

A repetição dos módulos contribui para a viabilidade construtiva, facilitando a execução, o controle de custos e a possibilidade de ampliação ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, essa lógica modular permite que o projeto se adapte a diferentes realidades, respeitando o lugar onde é inserido.

Essa estrutura também carrega um sentido de coletividade. Assim como na colmeia, os espaços se organizam de forma interligada, criando proximidade, apoio e troca. A adaptabilidade, nesse contexto, não é apenas técnica, mas também social, permitindo que o espaço acompanhe as necessidades das mulheres, acolha diferentes vivências e se transforme junto com elas.



Perspectiva pátio interno